



INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO DESINTERESSE POR CIÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES DA SALA DE AULA

Yngrid Lemos Pereira¹, Lorrana Rosa da Silva², Jeanne Barros Leal de Pontes
Medeiros³

Resumo: O estágio foi realizado em uma escola municipal de ensino fundamental em Fortaleza, Ceará. As turmas contempladas no estágio foram 6º, 7º e 9º anos, todas no período matutino. O estágio foi realizado entre os dias 21 de novembro e 6 de dezembro de 2024. Inicialmente, foi feito o contato com a escola a partir da entrega da carta de estágio emitida pela Secretaria Municipal de Educação (SME). Após essa etapa, foi realizado o estágio de observação, onde percebi o distanciamento entre o professor e os alunos, que atribuiu a cada aluno um número e não sabia os nomes deles. As aulas do professor supervisor seguiam o mesmo modelo, com slides pouco didáticos e atividades de dez questões ao final de cada aula. No estágio de regência, os alunos se mostraram interessados nas aulas, com perguntas pertinentes aos assuntos abordados. Durante a regência, ouvi queixas do professor acerca da desvalorização da profissão e da estrutura da escola, que era faltosa em alguns pontos. Por fim, vi que independentemente das características dos estudantes, os professores não os viam de maneira afetuosa. Além disso, foi notório como a relação entre professor e alunos afeta o interesse dos estudantes pelos conteúdos abordados.

Palavras-chave: Licenciatura em Ciências Biológicas. Distanciamento. Desvalorização docente.

1. INTRODUÇÃO

Em uma sala de aula existem muitos fatores que trabalham em conjunto, visando o aprendizado. Dentre os agentes desse contexto, encontram-se alunos, provenientes de diversas realidades; professores; e até mesmo a gestão escolar, que toma decisões que influenciam diretamente no funcionamento da escola. Nesse cenário, existem ações e comportamentos esperados de cada personagem dessa trama.

O professor, que fica a frente da turma, é quem guia os alunos no processo de aprendizagem. Esse trabalho pode ser demonstrado através de diversos papéis que o docente pode desempenhar, como conhecer um pouco cada aluno, ajustar as metodologias utilizadas em sala conforme a necessidade dos alunos e fazer da sala de aula um ambiente inclusivo, respeitoso e aberto ao diálogo, conforme Galvão e Casimiro (2023). As atitudes que um professor possui no exercício de seu trabalho

¹Graduando em Ciências Biológicas, discente, yngrid.lemos@aluno.uece.br

²Graduanda em Ciências Biológicas, discente, lorrana.rosa@aluno.uece.br

³Coordenadora dos Estágios Supervisionados, docente, jeanne.barros@uece.br

podem possuir diversas repercussões nos alunos e, portanto, devem ser cautelosas, a fim de não distanciar o aluno do saber.

Em adição a isso, utilizar-se apenas de aulas expositivas para ensinar pode não ser a melhor metodologia. O conhecimento transferido somente utilizando aulas tradicionais traz consigo um aprendizado equivocado e memorizado, quando mal aplicada, segundo Silva *et al.* (2024). Assim, o professor deve buscar renovações e aprimoramentos dos seus materiais didáticos de acordo com o público que atende, para que ocorra um ensino de qualidade.

O resumo aborda as vivências e reflexões que tive ao realizar o primeiro estágio obrigatório no ensino fundamental II, em uma escola pública de Fortaleza, contemplando as turmas de 6º, 7º e 9º anos.

2. RELATO

2.1 Escolha e Reconhecimento da Escola

A procura de uma escola para a realização do estágio foi repleta de aflição, devido ao curto tempo disponível para estagiar. Inicialmente, foi disponibilizada uma lista da Secretaria Municipal de Educação com as escolas mais próximas à UECE, que, conforme explicado pela professora de estágio, deveriam ser nossas únicas opções para o estágio. Então, visitei quatro escolas da lista, na qual uma era apenas de ensino fundamental anos iniciais, outra estava fechada para reforma, e outras duas não estavam aceitando estagiários. Foi um começo muito conturbado e até mesmo pensei em desistir do estágio.

Como não consegui nas escolas da lista, pensei em tentar em uma escola mais próxima da minha casa, visto que só poderia estar na escola pela manhã e precisaria de um lugar mais perto, prevendo possíveis imprevistos. Assim, escolhi uma Escola Municipal do bairro onde vivo.

Para ser aceita na escola como estagiária, foi preciso fazer um cadastro pela Secretaria Municipal de Educação (SME), procedimento que foi inteiramente realizado *online*. Após receber a carta de estágio, fui à escola para me apresentar à secretaria e à coordenadora, que me repassaram tanto os horários das aulas de ciências quanto o contato do professor supervisor.

2.2 Observações

Em relação à estrutura física da escola, pude observar que a escola havia recentemente passado por uma reforma. As salas eram climatizadas (com alguns ar-condicionados que funcionam pouco), haviam sido pintadas há cerca de um ano (embora fosse uma pintura mal feita), o pátio possuía diversos bancos, cadeiras e mesas destinados aos alunos e pais ou responsáveis, e a cantina também possuía uma ótima estrutura, com uma janela para arejar o ambiente e bons equipamentos. As salas de aula também tinham ventiladores, que não foram retirados com a reforma, o que era bom nas salas em que os ar-condicionados eram defeituosos.

Na parte de observação das turmas no estágio, que durou dois dias, acompanhei quatro turmas. No primeiro dia, 21 de novembro de 2024, observei a acolhida feita antes do início da aula, que era bem organizada. A coordenadora fez filas de cada turma na quadra, que só saíam quando o professor responsável chegava para buscá-los.

Com a primeira turma que tive contato (9º ano A - manhã), vi que o professor fazia a chamada por números, sem se dirigir a nenhum aluno pelo nome. Achei isso

curioso, já que o professor olhava para o aluno e perguntava “qual é o seu número?”, ao que o aluno prontamente respondia com o número designado. Percebi, logo de cara, que havia um distanciamento entre o professor e os alunos, pelo pouco esforço do docente em se aproximar minimamente dos alunos para manter uma relação.

Durante a aula, cujo tema era Sistema Solar: planetas gasosos, percebi que os alunos tinham comportamentos bem distintos. Alguns copiavam o conteúdo, outros dormiam, outros não copiavam, poucos tiravam dúvidas. O professor também cometeu alguns erros com conceitos que falava sobre. Percebi também que os slides, com fundo preto e letra amarela ou branca, continham muito texto, o que não era muito didático. Apenas disso, as imagens dos slides eram, no geral, boas.

Quando o professor concluiu o conteúdo, com uma explicação que durou cerca de trinta minutos, ele passou uma atividade, em que cada questão tinha um tempo de dois minutos para ser copiada, a fim de que os alunos copiassem rapidamente. Ao terminarem, vi que alguns alunos ficavam em grupinhos conversando, enquanto outros mexiam no celular. Nesse momento, pude ver que o professor chamou um aluno de “chato” por estar conversando, mesmo que o aluno já tivesse concluído a atividade.

Na outra turma do dia, 7º ano A - manhã, o tema da aula foi propagação de calor. A turma parecia mais agitada, provavelmente devido ao retorno do intervalo. Durante a explicação do conteúdo, alguns alunos conversavam, outros dormiam e alguns até mesmo desenhavam. No entanto, a turma foi mais participativa na aula, compartilhando algumas vivências que lembraram relacionadas ao conteúdo.

O professor passou uma atividade, a qual seguia o mesmo modelo da atividade da turma anterior. Quando os alunos foram concluindo, o professor pediu para que eu e o outro estagiário corrigimos as tarefas. Tentei ler as respostas dos alunos, mesmo que por cima, e percebi muitas respostas vagas, respostas erradas e até mesmo respostas indecifráveis.

No segundo e último dia de observação, fui primeiro para o 6º ano B - manhã, onde percebi que a turma tinha menos alunos que as outras. O professor comentou sobre a turma estar algumas aulas atrasadas em relação ao outro 6º ano, com a queixa de que os feriados do meio da semana eram realocados para as sextas-feiras, fazendo com que os alunos passassem muito tempo sem aulas de ciências. Além disso, o professor também fez apontamentos sobre a nova organização dos livros didáticos, que embaralharam muito os conteúdos, fazendo com que não tivessem muita conexão ou linha de raciocínio nos materiais.

Na última turma das observações, 9º ano B - manhã, o professor precisou se ausentar por cerca de uma hora, então eu e o outro estagiário passamos uma atividade que o professor já deixou pronta. Um aluno bateu na mesa dizendo que não faria a atividade, então foi conversar com alguns colegas. Outros alunos, no entanto, fizeram a atividade. Quando o professor retornou, ele fez a chamada e recolheu as atividades feitas, mas não teve tempo de passar o conteúdo da aula.

Ao passar por alguns momentos em sala de aula sem a supervisão do professor, vi que, para os estagiários, é muito importante que o professor da escola esteja no mesmo ambiente. Essa presença facilita a troca de experiências, tornando-a mais segura, tanto para os estagiários quanto para os alunos. Por não ser professor daquela escola, quando um aluno bate na mesa por se irritar ou tem qualquer outra atitude mais reativa, não cabe ao estagiário lidar com a situação. Assim, é necessário que o professor esteja

supervisionando os estagiários, que estão, de certa forma, à deriva na sala de aula em sua ausência.

Durante as observações que fiz, pude perceber que o professor não cultivava nenhuma relação com os alunos, sendo apenas uma figura de autoridade. Devido a esse comportamento, pensei que poderia ter alguma influência na maneira em que os alunos demonstraram interesse pelas aulas de ciências. Além disso, a falta de motivação do professor para a montagem de aulas, uma vez que todas seguiam somente o mesmo modelo, com slides praticamente iguais e atividades sempre com dez questões.

A desmotivação do docente é um fator que limita a qualidade do ensino, assim como aborda Araújo (2022). Em algumas conversas que tive com o professor, ele relatou que sentia que a docência era desvalorizada, que os professores não obtinham o apoio necessário para a realização de suas aulas, falando até mesmo que o projetor que tinha foi um investimento dele, sem apoio algum da escola ou prefeitura. Esses fatores atingem muitos outros professores, que têm falas parecidas, como trazido por Araújo (2022), em que os professores entrevistados relatam uma desmotivação vinda especialmente da desvalorização do salário do docente, além da falta de estrutura das escolas, da rotina do trabalho, dos alunos desinteressados e a falta de reconhecimento da sociedade.

No entanto, a falta de motivação do professor afeta diretamente os alunos, que sentem quando o professor está de “má vontade”. Conforme Galvão e Casimiro (2023), o professor, para cumprir com seu papel de forma eficiente, precisa reciclar o seu ensino, se adequando às novas gerações. No estágio, percebi o esforço do professor em adquirir um projetor para as aulas em slides. Entretanto, os slides do professor e a dinâmica dele com as turmas fazem essa atitude passar despercebida. Ainda segundo Galvão e Casimiro (2023), também compete ao professor formar cidadãos críticos, que ajudem na construção da sociedade. Por outro lado, como um professor que ministra duas horas de aula na semana em uma turma de cerca de 35 a 40 alunos conseguiria ter um impacto dessa grandiosidade em cada um?

Em relação a isso, acredito que a melhor forma seria que o professor conseguisse ter o mínimo de proximidade com os alunos, a começar por aprender os nomes deles. De acordo com Belo, Oliveira e Silva (2021), a relação professor-aluno promove a construção do conhecimento, que pode ter algumas bases afetivas para ser facilitada. Quando ocorre um lapso nessa relação, assim como observei no estágio, há um desfalque tanto na forma em que o professor ensina quanto na maneira como o aluno aprende. Assim, é interessante que o professor tenha um ponto de contato com cada aluno, que faça o discente perceber que o professor sabe quem ele é.

2.3 Regências

Na primeira aula de regência, na turma de 6º ano A - manhã, falei sobre cocaína e crack. Utilizei, como recurso, slides sobre o tema, feitos durante o planejamento. A aula durou cerca de trinta minutos, devido à pouca complexidade do assunto, visto que a turma era de sexta série. Recebi algumas perguntas durante a explicação, as quais respondi e me certifiquei que tinha sanado a dúvida.

Ainda durante a explicação, quando falei sobre a matéria prima da cocaína ser a planta coca, que também é utilizada para fazer os refrigerantes de cola, uma aluna ficou impressionada e perguntou se, então, tinha cocaína nesses refrigerantes. Quando eu estava respondendo, o professor supervisor me interrompeu para repreender a aluna,

dizendo que eu explicaria sobre aquilo e que se ela ficasse calada e prestasse atenção, que eu responderia à pergunta. Mesmo com essa fala do professor, ainda respondi à dúvida da aluna, me certificando de que ela tinha entendido.

No segundo dia de regência, tive aula no 9º ano A - manhã, com o tema de “Sol e outras estrelas”, onde tive a oportunidade de aplicar uma oficina de desenhos sobre a evolução estelar, tema que os alunos tinham dificuldade de entender. Nessa turma, tive uma dinâmica mais fluida com os alunos, observei que eles tinham uma certa carência de atenção, assim como nas outras turmas. Alguns alunos até apresentaram queixas sobre os professores ignorarem dúvidas deles, enquanto outros relataram que não queriam desenhar pois teriam de olhar o conteúdo para fazerem desenhos certos. Quando questionei sobre essa afirmação, disseram que preferiam a atividade que era passada pelo professor de ciências, pois eles poderiam responder de qualquer jeito e ainda assim conseguiriam dez pontos. Essa fala se refere ao fato do professor não fazer provas de ciências, pois, segundo o próprio professor, a coordenação achava ruim que fossem usadas muitas folhas para a elaboração de provas, o que fez com que o docente decidisse se utilizar apenas de atividades passadas em sala de aula para atribuir notas aos alunos.

Alguns alunos ficaram relutantes em realizar os desenhos da evolução estelar por dizerem que não sabiam desenhar, então eu incentivei que eles fizessem os desenhos, disse que eu mesma não sabia desenhar muito. Para esse momento, disponibilizei folhas de ofício, lápis de cor e giz de cera. Como resultado, recebi vários desenhos, que, no geral, refletiam bem como ocorre a evolução de uma estrela.

Já no 7º ano A - manhã, decidi fazer uma aula na lousa, em vez de utilizar slides, já que o assunto “Fenômenos naturais relacionados à transferência de calor” permitia o uso da lousa de forma eficiente. Os alunos apresentaram poucas dúvidas e, no geral, estavam atentos à explicação. Fiz uma atividade com seis questões, que os alunos comemoraram por não ser a atividade com dez questões que eram passada pelo professor. Nesse dia, o funcionamento da escola estava diferente, devido à prova do SPAECE, e, portanto, não teve intervalo.

Na última semana de regência, percebi uma certa mudança nos alunos. O 6º ano A - manhã não parecia muito interessado na aula de sistema locomotor, talvez por já ser dezembro e estarem todos cansados. Decidi dar a aula apenas no quadro e demorei muito tempo para copiar o conteúdo, ao que o professor supervisor chamou minha atenção, embora eu tenha planejado a aula inteira e tenha tido tempo de explicar o conteúdo e passar a atividade, sobrando ainda cerca de dez minutos ao final. Nessa semana, fiquei gripada, o que tornou um pouco difícil dar as aulas, pois precisei utilizar uma máscara para não transmitir para ninguém. Percebi, entretanto, que todos os professores da escola também haviam gripado.

No 6º ano B - manhã, a aula de “órgãos dos sentidos e os cinco sentidos” foi bem recebida, no geral. A maioria da turma prestou atenção, enquanto, mais ao final da aula, pude perceber algumas conversas paralelas, que não repreendi. Já no 9º ano B - manhã, a aula foi sobre planeta gasosos, que é um tema curto, e, portanto, a aula foi bem rápida. A turma era bem tranquila, e, ao final da aula, pude conversar com uma aluna e questionei sobre a quantidade de alunos na turma. Ela disse que tinha mais alunos, mas que toda sexta-feira cerca de metade da turma faltava aula. Nisso, percebi que, como as aulas de ciências dessa turma ocorriam somente nesse dia, muitos perdiam os conteúdos. Pensei também que se existisse uma boa relação entre o professor e os

alunos, talvez houvesse um esforço maior da parte dos estudantes em comparecer à aula de ciências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira experiência que tive com o estágio foi diferente do que imaginei que seria. Vi alunos carentes de atenção, que conversavam normalmente quando tratados bem, mesmo comigo sendo uma certa figura de autoridade dentro da sala. Percebi que utilizar do tempo da aula para ter pequenas conversas com eles foi de grande ajuda no rendimento, já que eles pareciam mais interessados nos conteúdos conforme eu os instigava a pesquisar e ler sobre, estando à disposição para ajudá-los quando necessário.

O pouco que pude vivenciar a dinâmica do professor supervisor com os alunos, entendi o motivo da relação que eles possuem. Fiquei muito entristecida ao ver a forma que o professor afastava os estudantes, sem sequer se importar em saber os nomes deles ou entender as suas diferenças. Também notei que os alunos tinham até um certo medo do docente, por relatos que fizeram a mim.

Assim, vi o quão necessário é para o aprendizado que os alunos sejam vistos como pessoas, como indivíduos. Os alunos dessa instituição não eram, de forma alguma, ruins, como o professor fazia parecer. O contato humano, mesmo que mínimo em uma sala de aula, é essencial para criar uma conexão entre o professor e os alunos, que terão uma longa jornada ao longo de um ano letivo. Com tudo o que observei, pude começar a moldar minha ação como futura professora, para evitar o distanciamento que presenciei.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Charline Ferreira Lopes. Estudo sobre a desmotivação dos professores do ensino fundamental do instituto de educação de guaratinga: fatores e causas.

Repositorio de Tesis y Trabajos Finales UAA, 2022.

BELO, Priscila Alves de Paula; OLIVEIRA, Rayssa Melo de; SILVA, Renato Carneiro da. Reflexos da relação professor-aluno para a aprendizagem no contexto formal de ensino. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 3, n. 2, p. e323880-e323880, 2021.

GALVÃO, Maycon Ribeiro; CASIMIRO, Sonia Aparecida Alves de Oliveira. O papel do professor na escola: educação e transformação. **Revista OWL (OWL Journal)-REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO E EDUCAÇÃO**, v. 1, n. 2, p. 134-148, 2023.

SILVA, Juliana Gomes Teixeira da *et al.* PARA QUEM É EXITOSA AS AULAS TRADICIONAIS NA RECONSTRUÇÃO DE MODELOS MENTAIS DE CÉLULAS? UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA DE NOVA FRIBURGO, RJ. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 19, n. 1, p. 274-284, 2024.